



Cultura, Comunicação e Espaço: uma reflexão sobre a formação de novas subjetividades subalternas no espaço-tempo da cidade¹

Fabiana Felix do Amaral e Silva²

Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes - ECA-USP

Resumo

Este artigo propõe discutir sobre a possibilidade de construção de ações emancipatórias frente às imposições hegemônicas dos processos globalizantes, ao compreender as práticas construídas nas ambiências das classes subalternas, em especial sua relação com o espaço no contexto da cidade. Estas relações são discutidas a partir do entendimento da comunicação e cultura como campo investigativo e considerando o espaço como eixo articular das subjetividades das classes subalternas. Para construir esta reflexão propõe-se a discussão de três questões: a importância da pesquisa em comunicação e culturas subalternas; a compreensão das alterações ocorridas na relação espaço-tempo e, o entendimento da cotidianidade como palco de análise tanto da reprodução do capital como dos processos emancipatórios da realização da vida.

Palavras-chave

Comunicação e culturas urbanas; Culturas subalternas; Cotidiano, espaço e subjetividade.

O mundo está cada vez mais conectado ao sabor das novas tecnologias, das promessas de acessibilidade, dos discursos de inclusão, das formas maleáveis de relações. Todas essas questões navegam não só nos ambientes estruturantes: na política, no Estado, na construção da hegemonia, como também nos ambientes estruturais da vida cotidiana: nas relações sociais, no senso comum, na escola e na família. Milton Santos (2001) ao buscar o entendimento dessas questões nos revela uma articulação desse mundo. A existência de três mundos em um só: o mundo enquanto fábula, o mundo como perversidade e, nos alenta, com a construção de um outro mundo possível.

No mundo como fábula encontra-se uma máquina ideológica a serviço dos interesses hegemônicos de continuidade do sistema de dominação não só pela vertente econômica, mas principalmente pela dominação da consciência. Assim, estruturam redes de simulacros de participação, ocorre a proliferação de um discurso único que realiza a economização e monetarização da vida social e da vida pessoal, acarretando a desumanização do homem. O mundo como perversidade é identificado na banalização do desemprego e da fome, assim como, das desigualdades sociais, culturais e econômicas. Sobre os intentos da competitividade institui-se a falsa acessibilidade. O

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Cultura Urbanas, do IX Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação da Intercom, no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM 2009.

² Arquiteta, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes -ECA-USP. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Celacc- Centro de Estudos Latino-americanos sobre cultura e comunicação -ECA-USP.



desmantelamento do Estado promovido por essas mudanças se concretiza e se fortalece com a unicidade da técnica e do conhecimento, e, ao mesmo tempo, que promove a convergência dos momentos e do conhecimento do planeta, desestrutura as relações sociais ao virtualizar os sentimentos e, principalmente, ao usurpar as possibilidades de visão. Por fim, a possibilidade de um outro mundo diferente desse, ou seja, a retomada do homem com ser da mudança, se realizaria no entendimento que devemos nos emancipar desse mundo perverso. Mas como?

Santos (2001) preconiza a necessidade de apropriação das bases materiais do período atual, tanto no plano empírico como no plano teórico. Ao considerar o que atualmente se observa no plano empírico aponta um certo número de fenômenos novos indicativos da emergência de uma nova história: a.) a mistura de povos, raças, gostos, em todos os continentes, b.) a “mistura” de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu, c.) a população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um maior dinamismo àquela mistura de pessoas e filosofias. Uma verdadeira sociodiversidade.

Em sua observação a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, a serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico verifica a necessidade de construção de um novo “discurso” que alicerçados na observação crítica da história concreta possa produzir conhecimento no sentido de discutir e apontar possibilidades aos pontos críticos da sociedade.

Em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (SANTOS, 2001, p.21)

Compreende-se que a produção de conhecimento e a constituição de alternativas ao processo neoliberal só terão eficácia e validade ao considerar os elos investigativos entre o plano teórico e o plano empírico. Emir Sader (2009) ao repensar as possibilidades para América Latina justifica a inviabilidade de muitas propostas que alicerçadas em dogmas e princípios desconsideram a mediação das condições concretas dos enfrentamentos de classe.

Qualquer proposta estratégica tem se estar ancorada, antes de tudo, na realidade concreta, na dinâmica específica dos grandes enfrentamentos, com a consciência de que todo o processo transformador tem um aspecto necessariamente novo, heterodoxo, que precisa ser captado, ao invés de



tentar reduzi-lo a cânones teóricos, sem dizer onde teriam se realizado. (SADER, 2009, p.156)

Precisa-se realimentar e mudar os intuítos da unicidade da técnica, utilizar das convergências dos momentos e da possibilidade de conhecer o planeta e assim alterar-se as falsas conectividades pela construção e reconstituição dos vínculos, especialmente das práticas sociais.

Essa realidade possibilita repensar os processos para construir as possibilidades emancipatórias ao sistema vigente. No plano teórico é imprescindível transpor o desafio da produção científica que atrelada ao projeto neoliberal passa por um processo de racionalidade perversa, em que a sedução pelo poder mecaniza a possibilidade do saber. (FERREIRA,2007). Os rumos da pesquisa científica direcionam-se a outros objetivos, aos quais não interessam a miséria e a doença de milhões de seres humanos. Cabe acrescentar que na elaboração dos conceitos, teorias e métodos as ciências perderam a sua real eficácia e, a partir da dinâmica neoliberal, passa-se pela mais acentuada cisão entre os campos das humanidades.

Relacionar cultura, comunicação e espaço surge da necessidade de construção de elos investigativos entre as ciências, ou seja, priorizar a produção do conhecimento em sua totalidade em detrimento da cisão entre os campos investigativos, fortalecido pela possibilidades epistemológicas advindas da concepção gramsciana da Filosofia da Práxis em que as concepções teóricas são construídas no embate com a realidade concreta a ser analisada. Pois entende-se a filosofia da práxis não como “ato puro”, puro pensamento, esquema gnosiológico abstrato que “cria” idealisticamente as coisas e os fatos, mas “ato impuro”, atividade concreta, histórica, fundada em relações abertas, dinâmicas, dialéticas do homem com a natureza, da vontade humana com as estruturas econômicas, dos projetos políticos com as cristalizações culturais.

A teoria do conhecimento (ou filosofia da práxis ou dialética), continua a desempenhar um função insubstituível, particularmente hoje, em um mundo dominado por uma ordem econômico-político-cultural que, embora decante as conquistas científicas, a diferença e o pluralismo, esteriliza concepções alternativas, reprime aspirações populares, sufoca os conflitos e dissimula as contradições, tudo harmonizado, adaptando, conjugando e subordinando a um pensamento único e naturalizado. (SEMERARO,2006, p. 36)

Esta estudo procura compreender os processos emancipatórios à realidade neoliberal ao construir o elo teórico e empírico a partir da comunicação e cultura das classes subalternas e tendo na análise do espaço o recorte essencial para compreender as



mudanças em sua totalidade, pois encontra-se nele as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades.

Essa articulação é percebida no espaço ao conter, tanto as marcas dos processos totalizantes; tais como a *tendência à homogeneização* e ao *processo de fragmentação do espaço e da sociedade*, como as sementes de mudança fundamentadas nas relações humanas e na sua materialização e realização no plano do vida.

O lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao se realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem. (SANTOS, 2001, p. 45)

Para começar a tecer essas possibilidades investigativas propõe-se a discussão de três eixos teórico- analíticos: o primeiro a relevância da pesquisa em comunicação e culturas subalternas; o segundo a discussão sobre as transformações ocorridas na relação espaço-tempo e o terceiro o entendimento da cotidiano como palco de análise tanto da reprodução do capital como dos processos emancipatórios; da realização da vida.

1. A pesquisa em comunicação e culturas subalternas

Compreende-se a cultura e comunicação como espaço de articulação dessas possibilidades. Cultura é compreendida como campo onde se estabelecem os conflitos, coexistindo processos de dominação, apropriação, resistência e (re)apropriação, num movimento dialético e contraditório entre os setores hegemônicos e subalternos. O conceito de subalterno é referenciado às perspectivas de Gramsci que ao criar a expressão, emprega-a no sentido de diferenciar o patrimônio cultural do povo da cultura oficial e assim constrói um conceito dinâmico e historicista, no qual a cultura é compreendida como um processo que conserva e renova-se permanentemente somente na prática social. Esta ótica amplia o sujeito produtor/receptor/consumidor de cultura a todo o universo social. Nesta perspectiva a definição de classes subalternas apresenta diferenças significativas com a de classes exploradas, na medida em que o subalterno está num campo semântico que transcende a determinação econômica pelo lugar que a classe ocupa na estrutura produtiva, atendendo, ao mesmo tempo, à dominação cultural, a qual se define pelo lugar que a mesma classe ocupa no âmbito da hegemonia. (FERREIRA, 2007). Vale salientar a atualidade do pensamento de Gramsci especificamente hoje em que é possível estabelecer as intersecções entre o seu pensamento e os problemas filosóficos e políticos de nossa atualidade. Semeraro (2006)



propõe esta articulação para discutir de que modo os setores populares, mesmo em condições adversas, podem se organizar politicamente e chegar a construir um projeto próprio de mundo; alternativo e superior ao existente.

O campo cultural é o lugar da manifestação dos conflitos e das disputas simbólicas e comunicacionais, em que coexistem os processos de dominação e também de apropriação, é o espaço das negociações entre os diferentes atores desta dinâmica. Nesta análise, deve-se ter em conta que as diferenças ultrapassam o entendimento de experiências societárias distintas, pois compreende-se que essas diferenças também existem devido à desigualdade dos acessos aos capitais econômicos, culturais e simbólicos. Garcia Canclini (1988) evidencia que existem culturas populares porque a reprodução desigual gera: a.) a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte das diferentes classes e grupos na produção e no consumo. b.) nos setores excluídos da participação plena nos produtos sociais, uma satisfação específica de suas necessidades, a partir de suas condições de vida. c.) uma interação conflitiva entre as classes subalternas e as hegemônicas pela apropriação dos bens sociais.

Ainda, de acordo com o pensamento de Garcia Canclini, o acesso aos procedimentos simbólicos mais sofisticados é um imperativo da sociedade atual, para trabalhar e consumir. Ferreira nos dá indicio desta nova configuração:

Esta situação aumentou a distância material e cultural entre as classes da mesma sociedade e entre países periféricos e centrais. A propriedade transnacional das novas tecnologias aumenta também a assimetria entre os poderes locais e nacionais e aqueles de caráter transnacional. Esta situação, que se manteve desde os primórdios da expansão capitalista, no neoliberalismo, atinge seu auge. (FERREIRA, 2006, p.47)

Sendo assim, estas condições na atualidade atuam fortemente na diferenciação. A diferença entre as classes e grupos sociais não é apenas econômica. Mas é o resultado desta participação diferenciada na reprodução material-simbólica da sociedade. É por isso que a explicação para a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais não está apenas no campo da produção, mas na realidade do mundo atual, expressa-se também em outras esferas do social.

Ao penetrar no campo do entendimento da comunicação e cultura como o campo de construção da práxis social é imperativo que seja desarticulada a concepção parcelar das ciências e das teorias sociais e se institua as interfaces entre os campos de conhecimentos, visto a sua relevância para o entendimento da atualidade. É importante evidenciar que a comunicação, como campo de conhecimento relativamente novo, se



fortalece, quando foge das análises funcionalistas, e penetra no entendimento da comunicação como campo da vinculação social.

Muitos dizem que a comunicação não tem objeto. Eu acho que tem. (...) Eu acho que o objeto da comunicação é a vinculação social. É como se dá o vínculo, a atração social, como é que as pessoas se mantêm unidas, juntas socialmente. (SODRÉ,2001, p.02)

Compreende-se a comunicação como o entendimento do vínculo, dos laços societários, a comunidade não é entendida simplesmente como agregação ou junção de pessoas, e sim como laço atrativo. Ao comparar com o objeto de análise da *mídia* percebe-se que se trata de outra concepção, pois neste caso trabalha-se com as relações que fogem ao entendimento dos vínculos. O vínculo atravessa os limites, atravessa o corpo, os sonhos, o psiquismo do sujeito.

A mídia trabalha a relação. Enquanto que a comunicação é maior que a mídia. Ela envolve a existência mesmo. O núcleo dela é a comunidade. Então é preciso entender radicalmente o que é comunidade. A sociedade não acabou com a comunidade, com a formação societária. (SODRE,2001, p.02)

Na análise crítica sobre a atuação da mídia, Sodré (2001) articula o pensamento que a mídia quer destruir e acabar com a comunidade, porque viver a comunidade é viver também a sua tensão, a sua violência; porque onde há comunidade há possibilidade de violência, de tensão. E propõe, também, a discussão sobre os conceitos de relação e vinculação:

Por isso é complicado abordar a comunidade, compreendê-la como lugar de vínculos. Portanto, a mídia trata a externalidade dessa vinculação, que é a relação. E está tratando de uma forma cada vez mais externa. Hoje, na Internet, por exemplo, nunca as pessoas estiveram tão conectadas, tão ligadas, mas não vinculadas.(SODRÉ,2001, p.03)

Ao conceber a comunicação, a proposta da comunicação e culturas das classes subalternas, como “vinculação” faz-se necessário retomar a proposta de Santos (2001) que aponta como a mola propulsora da mudança a apropriação das bases materiais do período atual, tanto no plano empírico como no plano teórico, ou seja mudar os intuitos da unicidade da técnica, utilizar das convergências dos momentos e da possibilidade de conhecer o planeta em prol do desenvolvimento humano e assim alterarmos as falsas conectividades pela construção e reconstituição dos vínculos, especialmente das práticas sociais.

Para começar a construir as possibilidades reais é preciso observar esses processos conflitivos e adaptativos e evidenciar as construções subjetivas das práticas



das culturas subalternas: como se relacionam, como negociam, como se comunicam nesse processo. As subjetividades podem ser observadas em diversas articulações desses setores subalternos, presentes nos seus processos comunicativos através das manifestações culturais, das falas, dos gestos, das atuações e práticas políticas, etc. Neste artigo pretende-se evidenciar um dos vetores desses processos comunicativos; a sua relação com o espaço, ou seja, o entendimento de como se relacionam com ele, como deixam e perpetuam suas marcas, como se apropriam, se adaptam e se articulam.

Esta proposta investigativa é construída a partir da constatação de que, em muitas das análises sobre os processos comunicacionais, o espaço não é concebido com elo articulador dessas mudanças. Estas pesquisas não ultrapassam a amplitude abstrata do espaço e assim não o consideram como condição, meio e produto da realização da sociedade humana. Desta forma, para construção de uma proposta investigativa alternativa o espaço é considerado como eixo articulador das subjetividades das culturas subalternas e é compreendido enquanto espacialidade. A noção de espacialidade traz consigo a idéia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço em si, como objeto analítico, mas do espaço na história, pensado como processo histórico, incluindo tanto o realizado quanto o possível, num constante movimento dialético. Pretende-se discutir como são estabelecidas as comunicações de vivências e ideais dos setores subalternos nas suas buscas cotidianas, lugar onde se realizam os momentos lúdicos, de referências históricas e sociais, essenciais para a construção de suas relações com o tempo e o espaço.

2. A lógica da produção do espaço e a relação espaço-tempo

Qualquer que seja a organização global dos usos ou o modo de produção do espaço urbano, uma racionalidade, cada vez mais necessária, parece reinar sobre o lugar — a produção do construído privilegia uma certa manipulação do espaço fundado segundo uma lógica repetitiva e sob um princípio fundamental; produzir inicialmente um habitat urbano, para em seguida, liberá-lo para uso (CARLOS, 2007). Esta particularmente configura-se numa inversão de sentidos: os processos se realizam a partir de uma articulação de reprodução do capital no espaço por meio da dominação política o que tem inviabilizado as possibilidades de realização da vida.

A análise sobre a articulação entre tempo-espaço vem sendo construído desde os primeiros estudos filosóficos. Aristóteles afirmava que o espaço era a inexistência do vazio e o lugar, o limite que circunda o corpo. Entre muitas outras ciências, a própria arquitetura, que determina e eterniza o tempo no espaço, considera a obra como o fim



último da arte do homem e a solidificação e perpetuação do espaço e da dominação: “*Todo sistema de representação é uma espécie de espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça para representar.*” (HAVERY, 2006, p.37)

Baumam (2001) desenha seu entendimento sobre a realidade ao trabalhar com o conceito de modernidade líquida e a qualidade a que é inerente: a fluidez, em contra-ponto à idéia de solidez, característica da modernidade “sólida”, desenhadas sobre o aporte do processo de industrialização.

A voraz diminuição dos espaços em locomoção física ou sensorial é um dos mais claros exemplos do derretimento desses padrões (sólidos) que eram vigentes. Atualmente, computadores e telefonia, ambos móveis e portáteis, levam consigo a ordem e agenda de qualquer lugar, em ações que podem criar reações transformadoras (caóticas) de qualquer lugar para diversas posições do globo. (BAUMAM, 2001, p.132)

A sua reflexão sobre a relação espaço-tempo é campo fértil para os questionamentos da realidade concreta. Articula no campo das análises sociológicas, as mudanças de concepção desta relação da passagem do modernidade pesada para a modernidade líquida evidenciando que na primeira era o tempo o meio que precisava ser administrado prudentemente para que o retorno de valor, que era o espaço, pudesse ser maximizado - a era do *hardware*.

Na modernidade leve - a era do *software* - a eficácia do tempo como meio para alcançar valor tende a se aproximar-se do infinito, ou seja, significa que como todas as partes do espaço podem ser atingidas no mesmo período de tempo nenhuma parte do espaço é privilegiada, nenhuma tem um valor especial. Diante desta nova realidade apresenta classificações estruturais sobre a relação do indivíduo e os espaços e a constituições de outros espaços (espaços vazios, não-lugares, lugares fálicos, lugares êmicos) espaço inerentes às relações frouxas, fluidas e fugazes decorrentes da realidade de uma reestruturação produtiva, do avanço de novas tecnologias e do desmonte do Estado.

Nesta pesquisa parte-se do pressuposto de que as grandes transformações no processo produtivo, em função do desenvolvimento de novas tecnologias que produzem, incessantemente transformações na organização do trabalho e da produção, produzem uma nova articulação espacial e para compreendê-la é imprescindível desvendar as relações espaço/tempo no mundo moderno.



Retomar a análise de Baumam (2001), sobre a desvalorização do espaço na atualidade, confirma que a tônica está no desfacelamento do espaço. Havery (1992) trabalha com a de que espaço se esfuma, ou ainda, Ianni (1990) avalia que o processo de globalização tende a desterritorizar as coisas, gentes e idéias.

Ainda assim acredita-se aqui que a construção de alternativas está baseada na possibilidade da vida, inscritos na relação com a proximidade da homem, no seu dia-a-dia. Neste estudo pretende-se dar um outro sentido a estas observações, ou seja, alinhados com a perspectiva de Santos (2001) essas mudanças levam a pensar nova perspectiva para construção de outras relações com espaço. E ainda abrir a discussão para repensar o novo papel que o Estado assume no mundo moderno, ou seja, através da articulação entre dominação política e acumulação de capital observar a sua função no embate com a possibilidade de realização da vida.

Este processo comunicacional estabelecido entre o homem e o espaço é fortalecido por Santos quando afirma que:

(...) o espaço é a matéria trabalhada por excelência: a mais representativa dos objetivos da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas. (SANTOS,2001, p.58)

Diante dessas considerações estruturais e teóricas sobre a relação espaço-tempo, busca-se elaborar um instrumental conceitual para o entendimento do espaço como *referência concreta* (constituente e constituída) da prática social que incorpora uma reflexão simultânea na articulação com a cotidianidade.

3. Espaço e Cotidianidade: construções subjetivas no campo da realização da vida.

A cotidianidade desenvolve-se na vida objetiva, na concretude de qualquer sociedade. É o lugar onde as práticas concretas dos homens com natureza, com os deuses e com os outros homens se traduzem em experiências sociais; é também *locus* de reprodução dos meios de subsistência material e simbólica, o lugar fundamental de constituição da cultura em sentido amplo. A cotidianidade é ainda o cenário do devir histórico, no qual seus efeitos são incorporados à vida social. Nesta relação é essencial repensar o entendimento do espaço não como mero conceito abstrato e sim como locus da reprodução da vida cotidiana.

Os diversos elementos que compõem a existência comum dos homens inscrevem-se em um espaço; deixam aí as suas marcas. Lugar onde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade humana em toda a sua multiplicidade.(...) ao produzir sua



existência, a sociedade reproduz, continuamente, o espaço.
(FERREIRA,2007, p.12)

Ao analisar o espaço a partir da concepção da vida cotidiana traduz sua presença como o cenário das experiências materiais, concretas e também de construção da subjetividade, das emoções, comportamentos e representações. Como concepção totalizante da vida cotidiana, como centro do sistema de comunicação e informação entre os indivíduos, a compreensão do espaço é o cenário privilegiado para o entendimento das desigualdades e das possibilidades desenhadas pelos processos de dominação e apropriação reproduzidos nas discussões sobre o espaço.

Se entender a cultura como o conjunto de processos simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social, como afirma Garcia Canclini fundamentando-se em Gramsci, pode-se considerar que as possibilidades de resistências às desigualdades geradas pela reprodução do capital na vida cotidiana devem ser analisadas a partir dos sujeitos dessas relações, especificamente a partir dos que sofrem com essas desigualdades: *“o espaço se compõe da experiência, além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram suas marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário”*. (CARLOS, 2001, p.32)

Neste processo de reprodução das relações sociais apresentam-se as contradições e os conflitos e como afirma Carlos: *“é por isso que podemos afirmar que no espaço se pode ler as possibilidades concretas da realização da sociedade.”*(CARLOS, 2001, p.38)

Aqui compreende-se que a cultura é construída no espaço e no tempo da cotidianidade das classes subalternas, nas suas condições de luta pela vida, através dos processos de adaptação e ressignificação dos quadros dados pelo sistema, tendo como principal instrumento, os seus próprios meios de comunicação inseridos no processo de realização da vida.

Para a compreensão da totalidade dos processos é imprescindível superar a racionalidade lógica que impera na produção do espaço, e evidenciar, a partir do entendimento das relações entre dominação e apropriação, três questões presentes nesse processo: a dominação política, a acumulação do capital e a realização da vida.

Mesmo com o acentuado processo de dominação e reprodução do capital no espaço das cidades, essas ainda contém as possibilidades da vida cotidiana presentes nas articulações da mesma, dos bairros e das ruas.



A terceira questão – a realização da vida – é motivo de especial atenção, pois evidencia-se a importância das construções subjetivas e coletivas das culturas subalternas no espaço- na construção das espacialidades, como contra- argumento aos processos de dominação e produção do espaço na cidade.

É essencial, para pensar novas possibilidades de emancipação, conhecer e apropriar-se do presente, ou seja, das novas configurações que por meio dos avanços da tecnologia da informação alteram e interferem nas práticas sociais.

O espaço público da cidade foi substituído pelo *espaço da mídia*, em que as decisões mais íntimas e pessoais e mesmo as mais amplas e políticas são decididas pelos que detêm os aparatos deste novo espaço, e assim, comandam e desenham as falsas relações ao desarticularem os vínculos presentes nas sociabilidades características do espaço da vida cotidiana. Mas é a partir desta nova categoria de espaço, o *bios midiático* a que se refere Sodré (2002), que as propostas emancipadoras devem tomar partido desta nova realidade e dar-lhes sentidos e apropriações próprias.

As relações entre os setores subalternos e hegemônicos podem ser compreendidas a partir da análise de Bordieu (2000) sobre **campo de interação** que sincronicamente pode ser conceituado como um espaço de posições e diacronicamente como um espaço de trajetórias. Estas posições e trajetórias são determinadas em grande medida pelo volume e distribuição de variados tipos de recursos ou capital. Os principais tipos de capitais são o econômico (propriedades de bens econômicos), cultural (conhecimento, habilidades e diferentes tipos de qualificações educacionais) e simbólico (méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associados com pessoa ou a posição).

Partindo do pressuposto, que dentro de qualquer campo de interação, os indivíduos baseiam-se nesses diferentes tipos de recursos para alcançar seus objetivos particulares, constitui como eixo de análise compreender como os setores subalternos se articulam neste campo de interação específico do espaço da das cidades.

Esta perspectiva metodológica procura desarticular o pensamento da racionalidade do espaço presentes principalmente no campo das políticas públicas. O espaço das cidades tem servido ao longo dos tempos como suportes para a dominação política e reprodução do capital – planos urbanísticos – Por que não articular outras possibilidades de uso?

As propostas emancipatórias se instalam na possibilidade de ao evitar as visões dos estudos que não consideram as espacialidades - tanto aos que atrelam apenas o



vetor econômico ao entendimento do espaço, quanto aos que efetuam análises estritamente descritivas das cidades-, encontrar o elo teórico e empírico articulador da mudança: compreender a partir da análise dos processos de apropriação-adaptação pelas classes subalternas dos espaços da evidenciar os novos sentidos que estas promovem a partir de seus processos de subjetividades.

Considerações

O caráter opressivo da acumulação do capital no neoliberalismo nunca atingiu níveis tão altos, atrelados à concentração do dinheiro e ampliação das desigualdades sociais. As alternativas ao neoliberalismo surgem da prática social, através de lutas populares, movimentos sindicais, grupos de pressão da sociedade civil, partidos políticos etc. Neste cenário o papel legítimo da Universidade e da pesquisa acadêmica em Comunicação e Cultura é garantir a produção do conhecimento para transformar a sociedade, visualizando a construção de um projeto histórico social democrático.

Neste artigo buscou-se discutir sobre a construção do conhecimento em favor da transformação social do país ao articular as necessidades entre o plano teórico e empírico. Desta forma, apresentou outras possibilidades investigativas no plano teórico, ou seja, a possibilidade do campo da comunicação e cultura das classes subalternas construir as interfaces conceituais compreendendo o espaço com elo articulador do entendimento e, principalmente, como campo de construção de outras possibilidades.

As comunicações alternativas das classes subalternas frente à imposição da comunicação hegemônica oferecem a possibilidade de abordar as contradições sociais. Desta forma, pode-se compreender a manifestação real dos antagonismos de grupos e classes e, buscar evidenciar a experiência concreta de construção de sujeitos sociais, onde se configuram a construção de identidades coletivas, de motivações e interesses compartilhados, estratégias de luta, assim como formas de organização e manifestação.

Assim ao compreender os processos populares alternativos ao capitalismo, na sua cotidianidade, que buscam romper com a lógica do lucro, criando laços de solidariedade e de humanismo, a pesquisa acadêmica em Cultura e Comunicação cumpre seu papel social diante da busca por alternativas ao neoliberalismo:

Mais uma vez, devemos insistir na relevância, hoje, do papel da ciência, da tecnologia e da informação. Tratando de território, não basta falar de mundialização ou globalização, se desejamos aprofundar o processo de conhecimento desse aspecto da realidade total. O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. (SANTOS,2001, p.54)



Referências Bibliográficas

- BAUMANN**, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BOURDIEU**, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CARLOS**, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- _____. *Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- FERREIRA**, Maria Nazareth. “Os desafios da produção científica no neoliberalismo: as culturas e a comunicação subalternas” In: *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro - R.J, v. 25, n. 01, janeiro-abril de 2007.
- _____. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2006.
- GARCIA CANCLINI**, Nestor . *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima, IPAL, 1988
- HARVEY**, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Ananablume, 2006
- _____. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- IANNI**, Otávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1993.
- SADER**, Emir. *A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- SANTOS**, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2001.
- SEMERARO**, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2000.
- SODRÉ**, Muniz. “Conceito de Minoria” IN: **PAIVA**, Raquel & **BARBALHO**, Alexandre. (org). *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus Editora, 2005.
- _____. *Antropologia do espelho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. *Entrevista de Muniz SODRÉ de Araújo Cabral a Desirée RABELO. Fonte: Revista Digital Pensamento Comunicacional Latino Americano. PCLA - Volume 3 - número 1: outubro / novembro / dezembro 2001*